



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14071 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

A SINGULARIDADE DO ESTUDANTE CONTEMPORÂNEO NO ADENSAMENTO DAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO

Flávia Lemes Silvado - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Maria Emanuela Esteves dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SAO JOAO DEL-REI

A SINGULARIDADE DO ESTUDANTE CONTEMPORÂNEO NO ADENSAMENTO DAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO

RESUMO

Diante do debate sobre as políticas de concepção e instauração do Novo Ensino Médio, que está hoje no centro das reflexões educacionais, este trabalho destaca, antes, a importância de se identificar os desafios e particularidades desta etapa do ensino. Afirmamos que as recusas discentes consistem em sintomas dos problemas, que configuram um desencontro entre as expectativas relacionadas às funções atribuídas ao aluno e as singularidades desses jovens. O trabalho objetiva investigar em que medida as singularidades dos estudantes de ensino médio contemporâneos são reconhecidas pela educação escolar. As obras *Filosofia Mestiça* (1993), *Polegarzinha* (2013), do filósofo Michel Serres, nos auxiliaram a problematizar a temática. Para o adensamento desse debate, recorreremos às leis, artigos, livros e documentos orientadores, especialmente relativos ao Novo Ensino Médio e às mudanças em curso. Os dados da pesquisa de campo em uma escola pública de Minas Gerais, inspirada na metodologia do grupo focal e analisada a partir das proposições da cartografia, contribuirão, por fim, na escuta e no reconhecimento dessa individualidade dos estudantes e suas vozes, as quais acreditamos, devam se somar aos demais clamores da sociedade no que se refere ao

redirecionamento das políticas para o ensino médio.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Ensino Médio. Juventude. Michel Serres. Singularidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de um incômodo: as dificuldades de relacionamento entre os atores da educação no espaço escolar, especialmente no ensino médio. Nos parece comum haver uma recusa discente diante das proposições da escola, bem como uma insatisfação de educadores em relação aos comportamentos dos jovens. É nesse contexto que tendem a surgir os adjetivos que definem os estudantes como “bom aluno”, “mau aluno”, “disperso”, “aplicado”, “disciplinado” etc. Na busca por respostas para esses desafios, realizamos um processo de desconstrução do papel de estudante, entendendo a discência enquanto um ofício — similarmente à docência.

Desse modo, este trabalho demonstra a artificialidade das funções que são atribuídas ao ofício discente e como elas foram naturalizadas ao longo da história da escolarização, ao serem consideradas como disposições necessárias e intrínsecas. Como consequência, a escola passa a esperar desses sujeitos disposições e comportamentos que seriam típicos de um aluno. Por esse motivo, buscamos conhecer mais sobre quem são os indivíduos sob a condição de alunos, quais são as suas percepções, expectativas e dificuldades.

Diante de tais considerações, foi pertinente entender melhor o ensino médio e seus meandros. Essa etapa da educação básica tem particularidades importantes, dentre elas a expectativa de uma disposição voluntária ao aprendizado, bem como a internalização das regras, implícitas ou explícitas, da escolarização. Observou-se a inexistência de objetivos perenes para o ensino médio, além de frequentes alterações nas concepções de educação e de juventude, sujeitas aos projetos de governo em vigência.

O Brasil vivencia uma aguda crise no que se refere à educação, acentuada pela proposta do Novo Ensino Médio, que reestrutura o currículo escolar de forma a reduzir as matérias de formação comum e incluir conteúdos sem embasamento, referenciais ou formações específicas. Similarmente, a possibilidade de qualquer pessoa com notório saber assumir a função de professor afronta os profissionais da educação e desprofissionaliza a área, sugerindo que não existem conhecimentos específicos da docência. Ademais, a proposta de flexibilidade e maior poder de escolha aos estudantes não encontra aplicabilidade prática, uma vez que a rede pública de educação — majoritária no país — oferece itinerários formativos

conforme as suas possibilidades, de forma que os jovens devem estar matriculados naquelas unidades curriculares disponíveis. As mudanças foram impostas em caráter de urgência, sem qualquer justificativa para tanto, sendo implementadas de forma não dialógica, com diversas barreiras para a participação dos sujeitos da educação nas decisões.

Efetivamente, destacamos que as decisões relativas ao ensino médio historicamente foram realizadas sem incluir as vozes das juventudes. As culturas e singularidades desses sujeitos têm pouco espaço para se manifestar, o que reforça o distanciamento entre os estudantes e a escola. Os projetos de reformas na etapa seguem sendo implementados de forma compulsória, a despeito das manifestações contrárias de estudantes, educadores e pesquisadores da educação. Os influxos das reformas — ou contrarreformas — devem ser acompanhados atentamente por toda a nação, em vista dos impactos significativos que exercem na educação brasileira.

Para atender aos objetivos explicitados, nos apoiamos no pensamento de Michel Serres, um filósofo que se debruçou sobre múltiplos temas. Assim, mobilizamos a personagem Polegarzinha (2013), apresentada como uma potência para se compreender a juventude contemporânea, para tornar possível entender mais sobre essa população que emerge nos dias de hoje, marcada por acontecimentos que transformaram a humanidade, sem que as instituições que tomam as decisões importantes para as vidas desses indivíduos pudessem acompanhar. O uso de personagens é recorrente no pensamento de Michel Serres, como forma de conceituar o que é múltiplo a partir da singularidade. Com isso, ele não determina um perfil hermético para os sujeitos engendrados na contemporaneidade, mas demonstra algumas das particularidades que essa população apresenta, entendidas como possibilidades e não como características necessárias.

Michel Serres também contribui com o nosso entendimento de uma educação que reconheça as idiossincrasias dos estudantes a partir da obra *Filosofia Mestiça* (1993), na qual ele demonstra a necessidade de transformação e deslocamento para que a aprendizagem aconteça. Isso só é possível abandonando as raízes consideradas sólidas e seguras e partindo em direção ao novo que permita modificar não apenas a cognição, mas o sujeito em sua totalidade. A analogia utilizada pelo filósofo é a da travessia do rio, um momento que demanda coragem para abandonar as margens e se lançar diante de um lugar sem referências e segurança. Nesse sentido, é importante que seja possível vivenciar momentos de êxtase na aprendizagem, que desloquem o mundo dos indivíduos e abrem para eles um novo mapa de possibilidades.

Todo o trabalho realizado em nome do reconhecimento da subjetividade dos

estudantes converge para o momento de escuta de jovens que se encontram na condição de discentes por meio da pesquisa de campo. Os grupos focais foram realizados em novembro de 2022, com alunos do segundo ano do ensino médio em uma escola pública do interior de Minas Gerais.

Os sujeitos que participaram dos grupos focais contribuíram com a sua singularidade para uma percepção mais múltipla e abrangente da escola, considerando que nela se desdobram realidades que não podem ser contidas ou institucionalizadas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi baseada nos estudos teórico-bibliográficos, bem como um trabalho de campo inspirado na metodologia do grupo focal, realizado em novembro de 2022, a partir de rodas de conversa com cinco turmas de segundos anos de ensino médio de uma escola estadual localizada no interior de Minas Gerais. A participação foi voluntária. O modelo se mostrou adequado para a finalidade da pesquisa, pois o grupo focal encorajaria a participação mais livre entre os estudantes, colocando a escola no centro de um rico debate. O trabalho foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Como forma de análise do material produzido em campo, optamos pela composição cartográfica, inspirada nos conceitos de Deleuze e Guattari (1995) e corroborada como caminho para a pesquisa qualitativa por teóricos como Escóssia; Kastrup e Passos (2015) e Chaves e Brito (2017). Na cartografia não temos um modelo estrutural ou gerativo, de forma que o mapa traçado pode se espalhar em diferentes direções. A composição cartográfica considera, assim, a subjetividade dos participantes dos grupos focais, bem como da pesquisadora. Portanto, os resultados não objetivam ser uma amostragem replicável da juventude, mas apresentar a singularidade do momento em que o trabalho foi realizado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, investigamos descompassos e anacronismos nas práticas escolares, que conservam instrumentos projetados para atender a uma sociedade diferente e a uma educação que servia a outros propósitos. Os sujeitos que se encontram na condição de alunos precisam ser conformados a esses modelos, atendendo a demandas constantes. Desse modo, foi possível indicar que essa discordância é um dos fatores que participa das dificuldades nas relações entre estudantes e profissionais da educação, além de ser um agravante das recusas dos alunos perante às proposições escolares, manifestas em seus comportamentos. Tais desafios tendem a se aprofundar no ensino médio, etapa em que os

dispositivos escolares já foram internalizados pelos sujeitos e que as relações com os profissionais passam a ser mais focadas nos conteúdos e menos nas interações, recompensas e ludicidade.

Foi salutar conhecer mais sobre o ensino médio, seus entraves e objetivos. Assim, nossas pesquisas demonstraram que os propósitos, bem como as noções de juventude foram alterados diversas vezes desde a determinação da etapa como parte educação básica, tomando como marco a consolidação da LDB de 1996.

Em 2016, uma nova adversidade surgiu para o ensino médio, que mereceu um olhar mais atento: a Medida Provisória 746, de 22 de setembro daquele ano, que implementou em caráter emergencial a política de ensino médio integral e a proposta de reforma da etapa, alterando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007. De forma impositiva, sem diálogo com os estudantes, educadores e pesquisadores da educação, as proposições de modificações significativas nessa etapa da educação passaram a ser postas em prática nos anos seguintes. A MP 746 foi convertida na Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

O chamado novo ensino médio teve muitas inflexões desde a sua elaboração e ainda ocasiona tensões e resistência da comunidade escolar e acadêmica. A partir da análise de suas motivações e das possibilidades de aplicação prática, percebemos o seu potencial de fragilizar e precarizar a educação brasileira, especialmente a na rede pública de ensino, que concentra mais de 80% das matrículas. As movimentações em torno das reformas do ensino médio são temas que merecem a nossa atenção, afinal, têm um significativo potencial de transformar e impactar a escolarização dos jovens contemporâneos, bem como das futuras populações que passarão por essa experiência.

O trabalho faz ecoar as vozes juvenis a partir dos resultados obtidos na pesquisa de campo. É importante situar a população estudada como aquela que experimentou uma vivência marcante e inesperada: a pandemia mundial de covid-19. Tal acontecimento alterou todas as suas experiências, inclusive as escolares. Foi possível perceber nos relatos dos estudantes os impactos da pandemia em suas percepções de si mesmos, da escola e dos colegas.

Chegamos ao final do trabalho com as falas dos estudantes, que mostraram a escola por meio das suas percepções, revelando mais sobre a experiência de ser adolescente e ser estudante. Foi um rico momento de escuta, trocas e de reflexões, no qual os jovens foram convidados a pensar e a falar sobre sentimentos e vivências que nem sempre podem ser

compartilhados em um mundo tão acelerado. Deixamos clara a tentativa de apresentar singularidades, como resultado de uma fotografia do momento em que estávamos em campo mestiçada à subjetividade da pesquisadora tanto na condução das conversas quanto na análise dos resultados e composição do trabalho. Ele se apresenta como uma possibilidade de criar pontes com os estudantes, mas não se propõe a ser uma amostragem da juventude ou do que é ser aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo suscitar uma visão de educação feita com os estudantes, reconhecendo as suas singularidades e promovendo no espaço escolar os encontros com as diferenças. Consideramos que a desnaturalização do ofício discente é um caminho profícuo para tal objetivo, posto que permite reconhecer os sujeitos que exercem as funções de aluno diariamente.

Alertamos, em especial, para os riscos das novas propostas para o ensino médio, alvo de resistências de educadores, pesquisadores da educação e estudantes, por seu potencial de fragilizar e precarizar o ensino, sobretudo na rede pública.

Assim, concluímos este trabalho com a proposta de uma educação para a escuta, que faça ecoar as vozes discentes e que busque uma conexão com as idiosincrasias desses jovens. O trabalho realizado é motor para reflexões, ressaltando a necessidade de invenção de novas formas de viver, se relacionar e ensinar, diante de uma humanidade que também é renovada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 de jul. 2022.

BRASIL. *Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 19 de jul. 2022.

BRASIL. *Medida Provisória n.º 746, de 2016*. Reformulação do Ensino Médio. Disponível em : <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>. Acesso em: 18 de abr. 2023.

BRITO, Maria dos Remédios de; CHAVES, Silvia Nogueira. ... Cartografia... uma política de escrita. *Rev. Polis e Psique*, 2017; 7(1): 167 – 180

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol.1. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2016/04/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

ESCÓSSIA, Liliana Da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.